

A Paisagem Econômica dos Alpes de Kolm-Saigurn

HILGARD O'REILLY STERNBERG

Integrando a coletânea de *Abhandlungen* da Sociedade Geográfica de Viena, uma das quatro séries de publicações desta quase secular agremiação científica, acaba de aparecer, interessante monografia de FERDINAND SPLECHTNER¹. A memória se divide em quatro partes, além de um prefácio, uma introdução e dois apêndices: I — Características gerais da região; II — Fundamentos da aplicação da aerofotografia às pesquisas em torno do sistema das pastagens de altitude; III — Relações morfológicas regionais, produtividade das pastagens de altitude e pesquisas aerofotográficas; e IV — Parte de figuras.

Embora o trabalho focalize uma área específica dos Alpes austríacos, não é nosso intuito referir minúcias regionais, senão respigar alguns aspectos de ordem geral que possam interessar aos leitores desta revista.

Esclareçamos, desde logo, que o nome comum *Alpe*, incluído no título do trabalho, abrange, segundo ensina DOMES², dois conceitos distintos, embora correlacionados. Assim se designam aquelas áreas elevadas, situadas, via de regra, acima do limite dos estabelecimentos permanentes e que, durante o verão, se prestam ao apascentamento³. Tais pascigos de altitude, bem como os tratos usados para a fenação, as florestas a serviço da economia pastoril, as habitações temporárias e demais instalações, e, finalmente, os privilégios e concessões que regulam o uso dos pastos estivais constituem, em seu conjunto, uma unidade econômica, que também se denomina *Alpe*. O sistema pelo qual se logra a "anexação periódica das grandes altitudes à vida econômica" (na expressão de LA BLACHE⁴) cria uma paisagem geográfica própria — é a *Alpwirtschaftslandschaft*.

Há no trabalho de SPLECHTNER três ordens de idéias que nos parecem merecer destaque: (1) a noção de que o gênero-de-vida das alpagens⁵ não pode ser isolado da paisagem de que é componente, devendo seu estudo seguir orientação integralista e regional; (2) a advertência de que o equilíbrio da paisagem, rôto pela exploração destrutiva, deve ser restabelecido quanto antes, a fim de pôr um paradeiro à assustadora destruição de recursos naturais básicos que se vem processando em ritmo acelerado; e (3) o pensamento de buscar na análise e na interpretação das fotografias aéreas os elementos fundamentais para o planejamento da reabilitação regional.

A idéia da organicidade e, portanto, indivisibilidade da paisagem encontra apoio em um sem número de exemplos. Assim, a cota do limite climático da floresta, a altitude das montanhas, a forma e a orientação dos vales, a par de outros fatores, exercem influência decisiva sobre a produtividade das pastagens estivais. As pesquisas que giram em torno da economia dos Alpes não de inserir-se, mais do que até agora, na caracterização paisagística regional, articulando-se com as indagações geognósticas, fitogeográficas, hidrográficas, etc.

Embora a verificação dos efeitos danosos da economia destrutiva praticada nos Alpes não constitua novidade — a eles se referia, por exemplo, ÉLISÉE RECLUS em *La Terre* (1868), chegando a antepor a imprevidência humana à constituição geológica, na ordem da importância dos fatores responsáveis pela devastação do solo das montanhas —, vem a pêlo citar o fato lembrado por SPLECHTNER de o limite natural da floresta ter sido considerável-

¹ FERDINAND SPLECHTNER, "Die Alpwirtschaftslandschaft von Kolm-Saigurn", *Abhandlungen der Geographischen Gesellschaft in Wien*, Band XVI, Heft 2, Viena: Franz Deuticke, 1948, 45 pp., 12 figuras no texto e uma carta

² NORBERT DOMES, "Alpwirtschaftliche Karten", *Abhandlungen der Geographischen Gesellschaft in Wien*, Band XVI, Heft 1, Viena: Franz Deuticke, 1948, p. 5.

³ As pastagens para as quais o gado é conduzido e de onde é recolhido diariamente não recebem o nome de *Alpe*; são *Hutweiden*, *Heimweiden* ou, simplesmente, *Weiden*.

⁴ P. VIDAL DE LA BLACHE, *principes de Géographie Humaine*, 2.^a ed., Paris: Librairie Armand Colin, 1936, p. 23

⁵ Ao vocábulo alemão *Alpe* (ou *Alm*) correspondem os termos franceses *alpe* ou *alpage*; nêles nos podemos inspirar para escrever "alpe" ou "alpage".

mente rebaixado pela intervenção irrefletida do homem. É sumamente interessante neste sentido a comparação gráfica que apresenta o autor entre a área florestal da região com a extensão que vem indicada na carta topográfica da Áustria na escala de 1:25 000 (data?) e a que aparece nas fotografias aéreas colhidas em 1942. O limite da floresta (*timberline*, diriam os autores de língua inglesa) climático, natural, estaria a uma altitude de 1 900, 2 000 metros e mais. Na carta topográfica, o limite superior da mata ainda vem indicado a cerca de 1 900 metros; nas fotografias aéreas, aparece intenso desflorestamento e o limite superior da mata acompanha, pouco mais ou menos, a curva-de-nível de 1 800 metros.

Uma prova concreta da antiguidade do desflorestamento na região é fornecida pelas escavações do subsolo, vestígios da outrora importante lavra aurífera. Devido ao grande recuo das geleiras, que se verifica desde meados e, sobretudo, fins do século passado, velhos paus-de-mina vão sendo, a pouco e pouco, postos a nu é que ao tempo de seu maior florescimento — sobretudo nos séculos XV e XVI —, a mineração se estendia montanha acima, abrangendo áreas que seriam subsequentemente engolfadas pelos glaciares em expansão. O corte desmesurado das matas, para atender ao grande consumo de madeira das antigas instalações mineiras, foi responsável, segundo SPLECHTNER, pelo desflorestamento de extensas áreas.

Os direitos que usufruem os agricultores de extrair madeira e de apascentar seus rebanhos nas florestas — pertencentes, em grande parte, ao estado ou à comunidade — é outro fator importante no raleamento da mata, tanto nos vales, quanto nas alturas.

Certas particularidades climáticas, botânicas e econômicas estão em relação direta com o desflorestamento da região

Não é de hoje que a preservação da estabilidade natural da paisagem é abrangida pelas pesquisas em torno do sistema das alpagens na Europa Central. A conservação da cobertura florestal, a defesa do solo contra a erosão e a manutenção do equilíbrio hidrológico sempre representaram tarefas precípuas de tais investigações. A intensidade cada vez maior com que se processa o desflorestamento, a remoção do solo, o desnudamento da rocha e a desertificação mostra, porém, a imperiosa necessidade de se multiplicarem os esforços para o restabelecimento da harmonia da paisagem

As conseqüências da destruição da floresta e do solo pela exploração descuidada, as quais nos Estados Unidos da América, na Europa Oriental e em muitos países extra-europeus, há muito atingiram a proporções catastróficas, concorreram para que o problema viesse a ser encarado, na Europa Central, com muito mais circunspeção do que há dez ou vinte anos. Em face da importância fundamental que tem, para a Europa Central, a integridade do equilíbrio da paisagem nos Alpes, é mister que as pesquisas em torno dos pastos de altitude, estivais, objetivem, de modo particular, a feitura de diagnósticos da paisagem (*Landschaftsdiagnosen*) e a adoção de medidas apropriadas a uma terapia da mesma (*Landschaftstherapie*). SPLECHTNER faz votos para a breve criação de um *Soil Conservation Service* alpino, como fruto da colaboração entre os países cujos territórios abrangem a importante unidade orográfica (a referência ao paradigma estadunidense não significa que o serviço a ser criado deva ser simples decalque do S C S). A colaboração austro-helvética para a realização de pesquisas em torno da economia das alpagens, que, há décadas, vem produzindo frutos, já constitui, aliás, sugestivo precedente para uma tal conjugação de esforços no plano supranacional.

As pesquisas geo-econômicas das alpagens e às iniciativas de ordem prática que resultam das mesmas se opõem poderosos obstáculos naturais, conforme eloqüentemente ensina a experiência acumulada na Suíça, na França, na Bavária e na Áustria. SPLECHTNER indaga se, em face das novas tarefas, de maior amplitude e crescente responsabilidade, que cabem a essas pesquisas, e tendo em conta as dificuldades referidas, a moderna aerofotografia não seria instrumento valioso, capaz de imprimir às investigações substancial desenvolvimento. Embora com a ressalva de que suas pesquisas estão ainda incompletas, carecendo de complementação e aprofundamento, SPLECHTNER as julga suficientemente adiantadas para responder pela afirmativa, razão por que comunica os resultados obtidos, sob forma de nota prévia.⁶

⁶ Vale a pena ler a *mise au point* que, em 1943, publicou CARL TROLL, "Fortschritte der Wissenschaftlichen Luftbildforschung", *Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin*, Jahrgang 1943, Heft 7/10, pp 290 e seguintes. Neste útil trabalho, o geógrafo alemão relaciona os progressos da pesquisa aerofotográfica em várias regiões (v. g. regiões polares, União Soviética) e a serviço de vários setores científicos (v. g. geologia, hidrologia, arqueologia). É particularmente interessante cotejar, com a memória de SPLECHTNER, o capítulo do artigo de TROLL intitulado *Landschaftsökologische und agargeographische Luftbildforschungen*.

O material apresentado consiste em doze fotografias aéreas verticais (tiradas de cerca de 4500 metros de altitude), acompanhadas de um esboço na mesma escala, com legenda apropriada; no texto, a interpretação das figuras procura salientar os aspectos edáficos e vegetais.

As aerofotografias de que, por ora, podem dispor os pesquisadores, não foram colhidas visando especificamente as necessidades dos mesmos. O autor examina as condições especiais que hão de prevalecer quando, de futuro, os vôos fotográficos forem realizados a serviço das investigações em tela. Entre outros requisitos, prevê a tomada de fotografias em diferentes estações do ano, com o que se poderão determinar, por exemplo, os prejuízos causados por aludes e movimentos coletivos do solo, à fusão da neve.

Se fôsse preciso mostrar que a proposta de SPLECHTNER, de estribar na aerofotografia a recuperação de regiões onde o equilíbrio natural da paisagem se acha estremeado, não se adstringe ao quadro estreito das nivas serranias alpinas, sendo apenas a consagração regional de um tema universal, podíamos desfiar exemplos da aplicação do mesmo princípio a outros pontos do globo ou citar propostas análogas à de SPLECHTNER relativas a paragens diversas. Nada melhor, talvez, que abandonar a latitude média dos Alpes, e citar a recomendação que acaba de fazer a missão da *F.A.O. (Food and Agriculture Organization)* das Nações Unidas com respeito ao Sião, localizado numa faixa latitudinal semelhante à que contém o estado da Bahia: que se faça um levantamento aerofotográfico, visando mostrar (a) a padronagem (*pattern*) geral do uso da terra, (b) a topografia do terreno revestido de matas, (c) a localização dos espigões por onde se poderão construir estradas, (d) as áreas maninhas que estejam exigindo reflorestamento, e (e) a composição botânica das florestas⁷.

⁷ *Report of the FAO Mission for Siam*. Washington, setembro de 1948, p 75